

OBITUÁRIO

É O FIM DO CAMINHO: 'Achei lindo que tenham batido tambor por mim', disse *Darcy* quando índios fizeram um ritual para ele

Obra construída para os índios e contra a morte

Em suas 'Confissões', biografia inacabada, Darcy fala da infância, das mulheres, das expedições e mostra poemas inéditos

Reprodução

Daniela Name

• O prefácio do último livro de Darcy Ribeiro é metade brincadeira, metade previsão: "Você que está aí, bobão, arrotando saúde, você que ainda vai ficar por aqui, será que vai continuar sem fazer nada?", escreve ele nas primeiras páginas de suas "Confissões", uma biografia íntima que deixa incompleta. O antropólogo e senador dizia que nunca ia escrever uma biografia: "Sempre achei que escrever biografia era coisa para aposentado, mas, como o câncer pode me derrubar do cavalo, tive que começar. Vou revelar minhas intimidades", anunciou em entrevista no ano passado. Em janeiro, quando participou de um *chat-room* promovido pelo GLOBO ON, ele garantiu que, se não conseguisse concluir as "Confissões", deixaria instruções para que suas secretárias o fizessem. Os amigos que leram o que ficou pronto dizem que Darcy cumpre a promessa de se revelar por inteiro. Fala das mulheres que conheceu, descreve a emoção das expedições, exhibe alguns poemas que mantinha na gaveta e transcreve cartas para sua maiores paixões. Numa delas, explica por que está recusando o pedido de casamento de uma namorada: "Tenho 40 anos, você só 25. Quando estiver linda, com uns 30 e poucos, não vou passar de um velho de 60", argumenta.

O livro também conta a infância em Montes Claros e a mudança para Belo Horizonte, aos 17 anos. Darcy diz que foi a única vez na vida em que teve vontade de se suicidar: o provinciano que detestava Drummond e Portinari era obrigado a mudar a maneira de ver o mundo. De Belo Horizonte, foi para São Paulo, onde descobriu a vocação como antropólogo. Graduado em 1946 pela Escola de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo, passou a trabalhar no Serviço de Proteção ao Índio, onde encontrou a linha-mestra de sua obra. Dedicou boa parte da vida a entender a cultura das tribos brasileiras.

Pare ele, os "Diários índios" sobreviveriam ao ano 3000

Fez expedições às aldeias kadiwéu e, entre 1949 e 1951, passou mais de dez meses entre os urubus-kaapor, que vive na divisa do Pará com o Maranhão. As anotações feitas na época se transformaram nos "Diários índios", que a Companhia das Letras publicou no ano passado.

O próprio Darcy acreditava que os "Diários", escritos em forma de carta para a primeira mulher, a também antropóloga Berta Ribeiro, eram o seu livro mais importante. Estariam para a sua obra como "Tristes trópicos" está para a de Lévi-Strauss. "Quando resolvi transformar os diários em livro, me senti jovem outra vez", disse ele, no ano passado. "Também fiquei muito emocionado, porque tinha esquecido que eles eram uma carta de amor para Berta, uma mulher que amei muito. São a maior carta de amor do

mundo. Acho que são como os 'Tristes trópicos' do Lévi-Strauss, um livro muito melhor que as obras teóricas do escritor francês. É cheio de carne, de verdade, e é o que o que vai ficar. O mesmo pode acontecer com os meus 'Diários'. De todos os meus livros, esse é o único que vai ser publicado no ano 3000."

Os "Diários", é claro, não foram o único livro dedicado à questão indígena. Ela aparece em ensaios como "Religião e mitologia kadiwéu" (seu primeiro livro, de 1950), "Língua e culturas indígenas do Brasil" (1957) e "A utopia selvagem" (1982), mas também naquele que é considerado um de seus vãos mais altos: o romance "Maíra", de 1975. A história de um futuro cacique que vai estudar em um seminário, onde o contato com os padres lhe tira a fibra de guerreiro, começou a ser escrita no exílio, em 1967.

"Maíra" espantou a dor do exílio e o medo da morte

Em dezembro de 1974, o senador descobriu que tinha câncer e que, de acordo com os médicos, poderia morrer a qualquer momento. Recebeu então a permissão do governo militar para voltar ao país e só então conseguiu editar a história, escrita na forma de uma missa (os capítulos são "Antífona", "Homilia", "Canon" e "Corpus", as quatro partes do ritual católico). Ao comemorar os 20 anos de "Maíra", Darcy disse ao GLOBO que o medo da morte e a morte no exílio aproximaram seu estilo da religiosidade: "A missa é a afirmação do corpo de Cristo, um ritual sobre a morte de Deus. Fiz um livro que fala sobre a morte do Deus dos índios, a morte das tribos".

Na fortuna crítica da edição de luxo do livro, lançada pela editora Record no ano passado, o escritor Antônio Cândido lembra a luta de Darcy com a linguagem e afirma que o senador saiu vencedor da batalha: "Maíra" é desafiado, mas cheio de estranha solenidade (...) E a solenidade não vem do fato de ser solene, no sentido corrente, mas porque o autor infunde na matéria narrada um fervor que empresta certo toque de relevância a cada página". Cândido salienta ainda que, para o leitor penetrar no universo caudaloso do livro, é preciso seguir o conselho de Isaías Mairum, um de seus personagens: "Coisa bonita se faz sem pressa, bem devagar". "Maíra" foi dedicado ao poeta Carlos Drummond de Andrade, que definiu o amigo senador depois de uma de suas inúmeras crises de saúde: "Sete Quedas acabou, mas o Darcy é o cara mais Sete Quedas que eu conheço".

A dedicação à causa indígena não foi reconhecida apenas pela crítica. Em 1995, numa das muitas internações do senador, os próprios índios resolveram retribuir o apoio do amigo: as tribos terena, caiová, kadiwéu e kaapor fizeram rituais em prol de sua saúde. Darcy ficou orgulhoso: "Achei lindo que tenham batido tambor por mim". ■



O JOVEM DARCY na aldeia Kaapor, onde esteve entre 1949 e 1951: expedições se transformaram nos "Diários índios", escritos em forma de carta de amor